

---

**A (IM)PERTINENTE:  
QUESTÕES DE GÊNERO E ENGAJAMENTO NA LITERATURA DE  
RACHEL DE QUEIROZ**

The (im)pertinent writer:  
Gender issues and engagement in Rachel de Queiroz's literature

Miriane da Costa Peregrino<sup>1</sup>  
Victor Hugo Adler Pereira<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo relaciona vida e obra de Rachel de Queiroz no intuito de identificar e analisar as contribuições dessa escritora no quadro da emancipação da mulher brasileira. A pesquisa se baseia, numa perspectiva histórica, na leitura da produção literária (romances), exame de entrevistas concedidas pela escritora a jornais e revistas, além do estudo de artigos acadêmicos sobre a vida e obra da mesma. Na literatura, Rachel criou várias personagens femininas em luta por emancipação social e justiça, embora tenha apresentado, em muitos momentos de sua vida, posições discutíveis e contraditórias quanto às questões sociais brasileiras e tenha apoiado abertamente a ditadura militar. Propomos discutir as relações dessas tomadas de posição na biografia com as suas obras literárias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rachel de Queiroz; feminismo; engajamento; Literatura Brasileira.

**ABSTRACT:** The present paper relates the life and the works of Rachel de Queiroz in order to describe and analyse the contributions of that woman writer to the process of emancipation of Brazilian women. The research, on which it is based, in a historical perspective, included the reading of novels, the exam of interviews of Queiroz to newspapers and magazines, and also the study of her biography. In her literature, Queiroz created many female characters in fight for emancipation and social justice, although she presented a lot of contradictions in her positioning towards Brazilian social issues and supported overtly the military dictatorship. We discuss the relations of those issues with her literary works.

**KEY WORDS:** Rachel de Queiroz; feminism; engagement; Brazilian Literature.

---

<sup>1</sup> Mestranda da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista CAPES.

<sup>2</sup> Docente da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

A situação da mulher no século XXI foi descrita pela escritora Rachel de Queiroz (1910-2003) do seguinte modo:

Um dos fatos sociais mais importantes é a saída da mulher do seu casulo doméstico e a sua entrada, quase em massa, nas profissões e atividades dantes reservadas ao homem. (QUEIROZ, 2002)

No entanto, esse rompimento foi (e tem sido) árduo para muitas mulheres. No Brasil, podemos citar os nomes de Nísia Floresta (1810-1885), Josefina Álvares de Azevedo (1851-?), Maria Lacerda de Moura (1887-1945), Laura Brandão (1891-1942), Gilka Machado (1893-1980), Eneida de Moraes (1904- 1971), entre outras.

Rachel de Queiroz compreende que a sociedade procura manter a mulher em estado de domesticidade e, embora isso não a torne uma feminista, criou personagens femininas que vão contra essa ordem, mas que visam uma inversão de papéis e não a construção de uma igualdade de gênero. Essa é uma questão importantíssima pois, embora Rachel tenha papel de destaque tanto para a história do país quanto da literatura, as análises de suas ações são sempre rasas, esquivando-se da problemática que é inseri-la no quadro de mulheres que romperam com a ordem vigente e reconhecer os limites que essa inserção implica.

A existência de um casulo doméstico que envolve e delimita a trajetória feminina ao longo da história foi (e, em alguns casos, ainda é) constante e inegável. Ainda assim, a naturalização das práticas sociais de exclusão continua presente em nossos dias e pode ser constatada quando nos deparamos com a pouca visibilidade nas pesquisas acadêmicas a que são submetidas personalidades históricas femininas. Vale lembrar que no ano de 2010, o centenário de nascimento de Rachel de Queiroz quase não mereceu espaço e repercussão nos meios de comunicação.

No presente trabalho, revisitamos a vida e obra de uma mulher (*im*)pertinente: a polêmica escritora brasileira, Rachel de Queiroz. Se por um lado, falar de Rachel é *pertinente* por ser autora de personagens femininas fortes e emancipadas, por ter sido uma intelectual perseguida no Estado Novo, por ter sido a primeira mulher aceita na Academia Brasileira de Letras (ABL); por outro, seu envolvimento no golpe civil militar de 1964 e sua rejeição ao movimento feminista tornam-na uma personagem impertinente na

história das mulheres no Brasil.<sup>3</sup> *Impertinente* porque é difícil falar em Rachel e reconhecer os limites e matizes de sua contribuição sobre a questão de gênero.

O tempo tem possibilitado às novas gerações o distanciamento necessário para investigar as ações dessa personagem na história das mulheres, pois muitas foram as suas contribuições. Identificá-las e avaliá-las criticamente é necessário não só no terreno da literatura como da história do país. No campo social,<sup>4</sup> ainda que Rachel hostilizasse o movimento feminista, sua importância no que tange às conquistas das mulheres no Brasil, no século XX, é incontestável:

A obra — e a vida — de Rachel de Queiroz figuram como índices precisos [...] do processo de emancipação social da mulher brasileira no século XX. Esta poderia ser apenas mais uma surrada frase de efeito, caso o Brasil não fosse um país onde boa parte das mulheres, dos negros, dos índios e dos pobres em geral convive com a ausência dos requisitos mínimos para o exercício da cidadania, e onde se constata facilmente que esse processo de emancipação ainda está longe de se concluir. O fato de a maioria social da mulher — e de todos os excluídos — ser entre os brasileiros pouco menos que uma utopia dá à obra de Rachel de Queiroz, e também à sua vida, o preciso relevo de fenômeno cuja caminhada teve seus passos acertados com o relógio da História. (DUARTE *apud* LIMA DUARTE, 2003)

<sup>3</sup> Podemos mapear os trajetos de Rachel de Queiroz a partir de três fases: na primeira fase, encontramos uma Queiroz jovem, crítica ao concurso “Rainha dos Estudantes”, jornalista no jornal *O Ceará*, professora, autora de *O quinze* (seu livro de estreia). Na segunda fase, conhecemos a Queiroz que se depara com a função social do escritor e a função de um militante com vínculo partidário, militante do Partido Comunista, perseguida e presa na Ditadura Vargas, o início e o término de um casamento, perda de uma filha pequena, a união informal com um novo companheiro, a consolidação de uma carreira literária, o convite para assumir o Ministério da Educação e Cultura. Na terceira fase, Queiroz apresenta com firmeza as escolhas literárias, políticas e pessoais que fez e construiu.

<sup>4</sup> No que tange a literatura, Rachel iniciou suas atividades como jornalista no Ceará aos 16 anos, e, aos 19, publicava seu primeiro romance, o regionalista *O Quinze* (1930). Como escritora escreveu ainda *João Miguel* (1932), *Caminho de Pedras* (1937), *As Três Marias* (1939), *O Galo de Ouro* (1950), *Dôra*, *Doralina* (1975) e *Memorial de Maria Moura* (1992), além de produções infantojuvenis e teatrais. Mas o gênero literário de maior destaque, em termos de frequência de produção e volume, foram as crônicas. Queiroz escreveu por anos para jornais; destacamos aqui a revista *O Cruzeiro* e o jornal *O Estado de São Paulo*. No entanto, não podemos nos esquecer que, ao contrário da grande massa feminina dos anos 30, Queiroz recebeu uma educação privilegiada, sendo educada em casa por seu pai, advogado, e sua mãe.

Um dos nossos objetivos é justamente identificar as marcas dessas trajetórias em seus romances e compreender as contradições de uma Queiroz que não apenas apoia, mas colabora com o golpe civil militar de 1964; que, não levantando a bandeira feminista, é a única mulher a ocupar uma cadeira de membro no Conselho Federal de Cultura (CFC) desde a criação do órgão, em 1966, até meados de 1975; e que é a primeira mulher eleita membro da ABL, em 1977. No entanto, é preciso ressaltar que o círculo literário e político que Rachel frequentava era identificado como “a elite intelectual do país”. Os membros do CFC eram nomeados pelo presidente da República. Muitos eram ou vieram a ser acadêmicos da ABL. Os laços de parentesco entre esses conselheiros/acadêmicos e figuras políticas da época eram comuns. A própria Queiroz era parente distante e amiga pessoal do primeiro presidente militar, Castelo Branco.

Nascida em Fortaleza/CE, no seio de uma família abastada, em novembro de 1910, Rachel foi uma pioneira não só no que diz respeito à atividade literária, mas também pelo seu papel e envolvimento político e social no Brasil do século XX. Esperamos, com esse trabalho, lançar luz sobre essa mulher (*im*)*pertinente*, que com suas contradições, muito nos têm a dizer sobre os valores sociais de sua época, contribuindo para a compreensão da história social da mulher brasileira.

#### AS SILENCIADAS DA HISTÓRIA

O presente estudo reconhece que grande parte das biografias e das produções femininas sofreu um processo de silenciamento político e social, ficando às margens da história. Além de sofrer um processo de sombreamento, muitas personalidades femininas não deixaram provas materiais de seu passado, tais como arquivos, etc. As biografias, por sua vez, são instrumentos materiais que têm revertido esse quadro, mas, como Bourdieu afirma, aquele que escreve é um selecionador e ideólogo da própria vida, ou da vida do outro (BOURDIEU, 1998).

Bernardes (2007), em seu livro sobre a poeta e militante Laura Brandão (1891-1942), explicita a questão da invisibilidade feminina e da falta de fontes para pesquisá-las, logo no título: *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política*. Para realizar sua pesquisa, a autora contou com os documentos do Fundo Octávio Brandão, no Arquivo Edgard Leuenrouth da Unicamp, ou seja, não contou com uma fonte direta e sim com o arquivo de Octávio que fora militante do Partido Comunista e marido de

Laura.

Embora não seja nosso foco, nos parece pertinente revisitar a vida e a obra de Laura, cuja conduta — assim como a de Rachel — era considerada desviante das normas sociais vigentes. Estilisticamente, Laura e Rachel tiveram opções distintas: a primeira voltou-se para a poesia parnasiana enquanto a segunda estreou com o romance regionalista de 30. No entanto, há pontos de convergência em suas trajetórias tais como o reconhecimento de seus trabalhos intelectuais nos círculos literários da época (predominantemente masculinos), a inserção em jornais e revistas, a militância no Partido Comunista e as perseguições sofridas durante o Estado Novo. Depois, seus caminhos divergem drasticamente: Laura morre exilada na antiga URSS, em 1942; e Rachel, depois de presa política na ditadura Vargas, conspira e apoia o golpe civil militar de 1964, compondo o círculo intelectual de direita que mantém estreita relação com os militares no poder, através de órgãos oficiais como o extinto CFC.

Dois momentos são cruciais na vida de Laura: 1) 1909, quando Laura está com cerca de 18 anos, sua mãe, D. Jacintinha, separa-se do marido e passa a ser a mantenedora da casa, o que atribui a sua família uma característica pouco comum para a época; e 2) 1919, Laura conhece Octávio Brandão, com quem se casaria dois anos depois “sem padre e sem juiz”. Para Bernardes, a união do casal “foi uma crítica ao contrato de casamento e uma manifestação da posição anticlerical de ambos” (BERNARDES, 2009, p.265). Laura ainda procurou meios para conquistar sua independência financeira: lecionava em diversas escolas e dava aulas particulares.

Por essa época, os salões literários eram ambientes efervescentes, e Laura os frequentava como declamadora.<sup>5</sup> Entretanto, após casar-se com o militante Octávio Brandão, a vida e a poesia de Laura tomam novo rumo. Afastando-se dos salões literários, a poeta e declamadora passa a se fazer ouvir em comícios e greves operárias e a publicar em jornais e revistas ligados ao Partido Comunista. Entretanto, com o advento do Estado Novo, entre as prisões e clandestinidades de Octávio, Laura arca com o sustento da família — eles tiveram três filhas. Embora se dedicasse à literatura marxista e tivesse ativa militância feminista, Laura tinha a “ficha limpa”, nunca se filiou ao Partido. Isso, contudo, não a impediu de ser deportada com o marido e as filhas, em 1931, para um exílio que duraria 10 anos e onde morreria.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Ela também publicou quatro livros de poesia: *Poesia* (1915), *Imaginação* (1916), *Meia dúzia de fábulas* (1917) e *Serenidade* (1918).

<sup>6</sup> Exilada na União Soviética, Laura trabalhou na Rádio de Moscou até que em 1942, com o avanço das tropas de Hitler a cidade, a família de Laura teve que se mudar, enquanto ela permaneceu internada com um tumor maligno. No mesmo ano, Laura faleceu e foi enterrada na

No entanto, o que nos interessa na aproximação de Laura e Rachel é o fato recorrente do engajamento, que é presente na vida dessas duas mulheres, seja de cunho revolucionário ou não. E é nesse engajamento e seus limites que nosso trabalho se deterá, procurando identificar as estratégias, especificamente de Rachel, para romper e subverter a ordem imposta, pois o cânone literário masculino “é marcado pela exclusão das mulheres enquanto sujeito do discurso e pela adulteração na representação da experiência e história femininas”. (HOLLANDA,<sup>7</sup> *grifos nossos*).

Apesar de suas atuações destacadas, essas, e outras mulheres, não figuram como cânones literários e não são objeto de muitos estudos. Quando o tema é mulher na literatura, a crítica literária se debruça sobre escritoras como Clarice Lispector e Ana Cristina César. Hollanda afirma que os estudos sobre essas escritoras associam suas obras às noções de universalidade e transcendentalidade “o que estimula abordagens de caráter puramente literário ou ontológico e, quase sempre, a-histórico”, muitas vezes sem uma perspectiva crítica feminista. Hollanda acrescenta que é necessário romper com a estigmatização do trabalho feminino na literatura e que “é curioso que escritoras como Rachel de Queiroz, pioneira e umas das maiores representantes do modernismo nordestino” e ainda Carolina de Jesus, cuja literatura é testemunho das classes populares, “ainda não tenham merecido devida atenção” (HOLLANDA, *blog*).

Para esse artigo, optamos trabalhar com Rachel de Queiroz por três motivos: 1) trata-se de uma mulher de destaque tanto na literatura quanto na vida social e política brasileira, tendo sido a única mulher escritora reconhecida pelo Movimento Modernista; 2) por ocupar espaços consagrados tradicionalmente pelo sexo masculino, embora se declarasse antifeminista e 3) por sofrer um sombreamento tanto de sua obra quanto de sua vida nos estudos acadêmicos e na mídia em geral. Procuramos aqui compreender a atuação dessa polêmica mulher, buscando identificar suas estratégias de sociabilidade e autorrepresentação nos espaços autobiográficos (crônicas, entrevistas, romances, etc).

Para a reconstrução da trajetória de Queiroz, nossa metodologia de pesquisa contou com a leitura de seus romances, entrevistas concedidas pela escritora a jornais e revistas no período de produção de seu último romance, *Memorial de Maria Moura*, ou seja, os primeiros anos da década de 90, além de artigos acadêmicos sobre a vida e obra da escritora. A bibliografia disponível sobre a obra de Rachel de Queiroz, no aspecto geral,

---

região dos Urais, na antiga URSS. Anos depois, seus restos mortais foram exumados e trasladados para o *Cemitério dos Heróis*, em Moscou.

<sup>7</sup> Esse trecho foi retirado do blog: <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/>



tende para o estudo da crítica genética a partir de manuscritos doados pela escritora (ALONSO; MENDES & ZEBENDO, 2004; BRITO, 2007), para estudos sobre a mulher na história da literatura (DUARTE, 2003) e para a presença do cangaço na obra de Queiroz (LANGARO, 2006). Nossa análise deverá partir de estudos que procuram relacionar vida e obra de Rachel de Queiroz, mas também sobre o lugar da mulher na literatura e na política a partir de formas de engajamento (BENOÎT, 2002).

#### CRIAÇÃO LITERÁRIA E ENGAJAMENTO

Conforme Benoît (2002), “a expressão ‘literatura engajada’ designa uma prática literária estreitamente associada à política” e, embora a expressão estivesse situada historicamente no século XX, mais especificamente na concepção sartriana de engajamento, a relação literatura e política e/ou literatura e poder sempre existiu, e disso temos os exemplos de Voltaire e tantos outros que produziam “uma literatura de combate”, “preocupada em tomar parte nas controvérsias políticas ou religiosas” (BENOÎT, 2002, p.9-11). E, se, por um lado, os escritores tinham essa preocupação, por outro, os detentores do poder também se preocupavam com essas produções. Segundo Benoît, “o poder sempre se preocupou com os escritores e as suas obras: desde as reflexões de Platão, na *República* [...] até a maneira na qual o poder real organizou a edição e a censura no século XVIII” e esse quadro “indica que a literatura não foi nunca um objeto neutro e indiferente em termos políticos” (BENOÎT, 2002, p.11).

No entanto, foi o contexto das grandes guerras e revoluções do século XX que consagrou o termo “literatura engajada” e tornou imperativa uma produção assumidamente política — o que observamos com a literatura marxista, a literatura feminista, entre outras. Isso porque “o engajamento procede, numa larga medida, da consciência que o escritor possui da sua historicidade” (BENOÎT, 2002, p.38). Como exemplo, citamos a declaração da escritora polonesa Wislawa Szymborska (1923-2012), em seu poema “Os Filhos da Época”: “Somos os filhos da época, e a época é política”.

O primeiro romance de Rachel,<sup>8</sup> *O Quinze* (1930), refletiu sua preocupação social com a realidade nordestina da seca. Logo depois, ela ligou-se ao Partido Comunista, até que a censura do partido vetou trechos de seu segundo livro, *João Miguel* (1932). De acordo com Rachel,

---

<sup>8</sup> Rachel de Queiroz, em entrevistas e crônicas, volta e meia retomava a afirmação de Aristóteles (384 a. C. -322 a. C.) sobre o homem ser “um animal político”. Com isso, podemos inferir que a escritora tinha consciência de que sua obra não era neutra e suas ações tinham sim, peso político.

companheiros do Partido mandaram que ela refizesse o trecho em que um operário mata outro, pois essa cena não era boa para a imagem e pretensões da classe. Rachel não seguiu as recomendações e desligou-se do Partido Comunista. Esse episódio ilustra a diferença que Benoît faz entre *literatura engajada* e *literatura militante*. Segundo esse autor:

[...] a primeira vem à política porque é nesse terreno que a visão do homem e do mundo da qual ela é portadora se concretiza, enquanto que a segunda já é desde o início política. (BENOÎT, 2002, p.35-36)

Assim, compreendemos que Rachel se recusou a produzir uma literatura militante nos padrões do PC, mas não uma literatura engajada.

Segundo Benoît, “a recusa do engajamento é ainda uma forma de engajamento” pois nem por isso se renuncia “*querer determinar o alcance de uma obra, seus resultados ideológicos e intelectuais ou a sua importância para a sociedade presente*”, ou seja, “*não há escritor que, consciente ou inconscientemente, não atribua ao seu empreendimento uma certa finalidade*” (BENOÎT, 2002, p.10, *grifos nossos*). Nesse sentido, engajar-se significa *tomar uma direção*; ou seja, o escritor faz escolhas a partir dos valores que possui e acredita, explicitando sua visão de mundo.

[Beauvoir] insiste no fato de que o escritor não se engaja somente inteiramente na realização da sua obra, mas que ele engaja aí a totalidade da sua pessoa, no sentido de que ele aí coloca o conjunto dos valores nos quais acredita e pelos quais ele se define. Por isso, o escritor engajado coloca em jogo bem mais do que a sua reputação literária; ele arrisca a si mesmo integralmente na escritura, fazendo aparecer aí a sua visão do mundo e as escolhas que dirigem a sua ação. (BENOÎT, 2002, p.46)

Além de explicitar suas escolhas ideológicas, uma mulher que exerce a atividade da literatura traz sua condição feminina como característica específica. Segundo Xavier, a mulher escritora faz dessa condição “um elemento estruturante de sua obra” e são conscientes “do que o lar significa em termos de domesticação e confinamento” por viverem “entre o ‘destino de mulher’ e a ‘vocação de ser humano’” (XAVIER, 1991, p.7-12). Essa condição pode ser explicitada na obra literária tanto no sentido de engajamento quanto de militância. A poeta e declamadora Laura Brandão, por



exemplo, seguiu a via da literatura militante, primeiro levando em consideração a sua condição feminina — “Não há nada mais digno de respeito/Que a independência na mulher que é pura” — e, em seguida, evidenciando sua opção partidária: “A Marselha revolucionária final/É o canto heroico da ‘Internacional’!”

Rachel, por sua vez, criou personagens femininas que vão contra a subalternidade feminina — Conceição (*O Quinze*), Noemi (*Caminho de Pedras*), Guta (*As Três Marias*), Dora (*Dora Doralina*), Maria Moura (*Memorial de Maria Moura*). Segundo Hollanda, as primeiras personagens se condensam em Maria Moura<sup>9</sup> e:

[...] cumprem com maior ou menor clareza sempre um mesmo ciclo: a quebra violenta e traumática das regras de manutenção da continuidade familiar e, conseqüentemente, da própria sociedade. (HOLLANDA, 2009, p.28)

Embora não nos caiba aqui uma análise interna do livro (ou seja, do texto propriamente dito), *Memorial de Maria Moura* (1992),<sup>10</sup> esboçaremos um breve resumo necessário à compreensão da questão de gênero que a obra explicita. Embora seja um romance narrado em 1ª pessoa, a narrativa é polifônica e são escalados para contá-la, além da própria Maria Moura, mais outros quatro personagens: Marialva, Tonho e Irineu, primos de Maria Moura, e o Beato Romano, antes chamado Padre José Maria. As vozes narrativas representam, assim, numa segunda leitura, as instituições da família e da igreja. Vale ressaltar que, no que tange à *família*, se privilegia a dita *oficial*, visto que Duarte, filho de um tio de Moura com uma escrava, Rubina, não é escalado para narrador, embora seja expressivo personagem, meio irmão de Marialva e dos rapazes. A maior parte do romance terá como principal narradora a própria protagonista que narra vinte e um capítulos da história. *Memorial* conta a história da personagem Maria Moura, de sinhazinha a temida cangaceira.

Como lembra Langaro (2006), família, honra e terra marcam a trajetória da personagem Maria Moura. Este tripé é reconhecido pelo pesquisador como o sustentáculo fundamental não apenas para a mulher, mas

<sup>9</sup> No caso da personagem Maria Moura, cuja inspiração Rachel dedicou no livro “A. S. M. Elisabeth I, Rainha da Inglaterra (1533-1603)”, a personagem de *Memorial* muito deve a uma histórica mulher nordestina, Maria de Oliveira, uma cangaceira do sertão do século XVII, esquecida pela história.

<sup>10</sup> A obra *Memorial de Maria Moura* (1992), que já foi adaptada como minissérie pela Rede Globo em 1994, num aspecto geral, tem sido objeto de estudos de crítica genética, da transposição de livro para televisão e de mulheres na literatura.

para a estrutura patriarcal do tempo do romance — final do século XIX. Quando o mundo de Maria Moura é ameaçado, ou seja, seu tripé, ela rompe com a submissão feminina através do cangaço. Mas as ambições da personagem mostram que é um rompimento instável, à medida que vemos a personagem querer retomá-los para sua vida social através da terra, da conquista da terra da Serra dos Padres; da honra, por conta de um acordo com Valentim que culmina na morte do traidor Cirino; e da família, quando Moura deixa todos os seus bens para o sobrinho pequeno. O Nordeste que a escritora evoca no espaço autobiográfico se desdobra em elementos que caracterizam *Memorial* e revelam os valores da classe social da escritora, lançando luz sobre seu posicionamento político.

A personagem Maria Moura é subversiva, mas no sentido de inverter a ordem dos papéis masculino e feminino e não de igualá-la. Como Borges ressalta:

[...] as mulheres de Queiroz revelam uma 'heroína' fora da 'representação da mulher mediada pela visão masculina', ainda que num 'constructo histórico-social' em que a 'representação do feminismo é ainda dominada pelo imaginário masculino', ou seja, suas personagens perpetuam o modelo patriarcal só que exercido por mulheres. (BORGES *apud* FRANÇA, 2007, p.4).

Sarah Pinto de Holanda também compartilha dessa análise, especialmente no que toca a Maria Moura: “O pensamento, a fala e as ações da protagonista personificam a índole do homem sertanejo, latifundiário e egoísta, que é descrito no romance” (HOLLANDA, 2009, p.133).

No que diz respeito às personagens de Rachel, identificamos em Maria Moura os limites da luta pela emancipação feminina, pois não objetiva a construção da igualdade de gênero. É esse e outros limites que devemos considerar em qualquer estudo sobre a vida e obra de Rachel de Queiroz. Os limites não a excluem da história das mulheres nem subtraem a importância de suas personagens femininas, mas permitem uma avaliação mais profunda de um quadro social bastante complexo.

Cabe aqui uma breve análise de outros livros da escritora. Começamos com *O Quinze* (1930), romance sobre a seca de 1915, o sofrimento dos retirantes e a trajetória de uma jovem professora, Conceição. Conceição passava as férias na casa da avó, D. Inácia, quando a seca ia se anunciando. Era uma moça incomum para a grande massa de mulheres da época: era professora, andava sozinha na cidade, era leitora não só de romances mas também histórias e teorias socialistas, aspirante à escritora,

pouco religiosa e que dizia que não ia casar. Apaixonada, é verdade, pelo primo Vicente, mas seria um amor irrealizável. Certo momento, ao ser interpelada pela avó sobre a leitura de um livro, Conceição explica: “Trata da questão feminina, da situação da mulher na sociedade, dos direitos maternais, do problema...” (QUEIROZ, 1992, p.80). Conceição é uma mulher branca e instruída e encontraremos mais adiante os limites das reflexões feministas da jovem personagem.

Com a seca de 1915, a jovem parte com a avó para a cidade, onde volta a dar aulas e onde trabalha como voluntária no Campo de Concentração atendendo os retirantes. O Campo torna-se o lugar da dor da seca, mas também é o local de reencontros. É ali que Conceição reencontra a família de Chico Bento e onde ela reencontra Chiquinha, mulata que trabalhava nas terras de seu primo Vicente. Nesse encontro, as distinções sociais entre as mulheres representadas no romance são mais explícitas. Chiquinha, ao dar notícias das terras de Logradouro, conta que era falado por lá que Vicente tinha um caso com a mulata Zefa: “Se tiver pior pra ela... Que moço branco não é pra bico de cabra que nem nós...”. Conceição, que há tempos flertava com o primo, se revolta: “Uma cabra, uma cunhã à toa, de cabelo pixaim e dente podre!” (QUEIROZ, 1992, p.36; 37). Ao saber da história, Dona Inácia não se surpreende, o que irrita ainda mais a neta: “Então Mãe Nácia acha uma tolice um moço branco andar se sujando com negras?”. A avó retruca: “Mas minha filha, isso acontece com todos... Homem branco, no sertão [...] Além disso, não é uma negra; é uma caboclinha clara...” (QUEIROZ, 1992, p.38). Dona Inácia reconhece na neta a revolta que a dominara muitos anos antes e conclui que “no fim tudo isso é natural e de se esperar, e a gente se acostuma à força...”, mas Conceição jura que não se acostuma e tal postura culminará num profundo distanciamento do primo Vicente (QUEIROZ, 1992, p.39).

Com isso, temos um novo plano de análise do romance — as mulheres não são iguais entre si. A condição feminina, de submissão e conformidade, representada por D. Inácia, incomoda Conceição, mas seu exame encontra um limite — é a condição da mulher de sua classe social e de sua cor que a perturbam. Ainda assim, a inconformidade da personagem representa uma conduta independente e cujo preço será a solidão. Conceição não se casará, cuidará do afilhado pobre, filho do retirante Chico Bento, o Duquinha. Seu destino não será o destino conformado e envernizadamente feliz de mulheres como sua avó. Conceição prefere ser só e “vae solis”! (QUEIROZ, 1992, p.96). Aí reside a força emancipadora da obra.

Em *João Miguel* (1932), livro censurado pelo PC, o protagonista nominalmente é um homem, mas a vida de João gira em torno de muitas

mulheres: sua companheira Santinha, Filó, Maria Elói e outras mulheres que estão ou frequentam a cadeia, onde ele se encontra preso pela morte de um operário (um episódio pouco explorado no romance: festa, álcool e briga). *João Miguel* é, por sua narrativa, um livro quase didático sobre a questão da mulher na sociedade. As injustiças são denunciadas de parte a parte na cadeia, através de uma série de personagens femininas aparentemente secundárias na história. Embora a autora não repita a expressão que marca Conceição em *O Quinze*, muitas das mulheres de *João Miguel* tem a mesma sina: “vae solis”! É um louco, que chega à cadeia, ao ver que é uma prisão mista, se desespera, pois não aguenta ver mulher. Para ele, mulher faz mal a ciência (QUEIROZ, 1984, p.48).

A escritora apresenta ao leitor, através das informações que João vai coletando na cadeia, uma série de casos de violência contra a mulher. É assim que João toma conhecimento de um preso que apenas dorme na cadeia, passando o dia em casa com sua família, cumprindo uma pena de vinte e dois anos por matar uma negra, de quem tinha ciúmes: “Foi uma coisa horrível! Abriu os peitos da desgraçada, a machado...” (QUEIROZ, 1984, p.20).

Santinha, companheira de João, vai crescendo na história. Na mesma medida que vai à cadeia todos os dias ver o preso, vai retomando sua intimidade com o carcereiro Salu, conhecido dos tempos em que Santinha era meretriz. Diante dos ciúmes de João, Santinha retruca: “eu não me amarrei com ninguém foi pra não ser negra cativa!” (QUEIROZ, 1984, p.33). Em outro momento, enfurecido, João ameaça Santinha: “Vamos, dê logo em mim, ande! É só o que falta! Dê como você me deu naquela vez, ande!” (QUEIROZ, 1984, p.46). Diante das palavras da companheira, João Miguel se acalma, e nega que alguma vez a tenha agredido.

O desfecho da história de Santinha será triste. Ela deixa João Miguel e passa a viver com o guarda Salu. No entanto, Salu é transferido para outra cidade e não leva a amante. Diziam mesmo que ele era casado. E Santinha acaba abandonada e grávida. Algum tempo depois, João Miguel a revê no tribunal, testemunha no seu julgamento. Ela frágil, com seu vestido de chita, declara ao juiz:

Doutor, o senhor me desculpe, mas eu estou tão fraca que nem sei o que digo... Ontem quebrei o resguardo e fui tirar esmola para poder enterrar meu filho, morreu com cinco dias de nascido. (QUEIROZ, 1984, p.110)

A presidiária Filó também se destaca no romance e personifica uma mulher de classe popular, mestiça, forte, vivida e descrente:

Se eu acredito em bem-querer de homem [...] Querem lá bem a ninguém! Querem é uma besta que se sujeite a tudo que eles entendem. (QUEIROZ, 1984, p.106)

A violência contra a mulher, especificamente a pobre, é tema de alguns diálogos no romance, revelando-se parte de um cotidiano socialmente complexo e injusto. Filó declara com orgulho que foge desse padrão de violência, mostrando-se mais forte do que muitas mulheres de sua esfera social: “Nunca achei homem nenhum que me botasse a mão em cima” (QUEIROZ, 1984, p.30). A figura de Maria Elói, presa numa cela na companhia dos filhos, impressiona João Miguel. O marido a deixara e fora viver com outra mulher, mas a amante, cotidianamente, passava pela casa de Maria para dizer-lhe desaforos. Um dia, Maria reagiu aos insultos, golpeando a mulher com uma navalha (QUEIROZ, 1984, p.64-65).

Quando um homem rico acaba preso na mesma cadeia que João Miguel, Filó, seu Zé e Maria Elói, o protagonista simpatiza com o novo prisioneiro e Filó observa, cheia de uma sabedoria e de um rancor que só a experiência de uma vida sofrida proporciona: “Você é muito compadecido com os ricos, seu João... sou capaz de jurar que não foi criado em cozinha de branco”. E Filó conclui, revelando seu passado:

Queria ver se você tivesse, como eu, passado tudo quanto é desgraça em casa de patrão... Acabaram me soltando no mundo, com quinze anos, porque eu estava daquele jeito... e o filho era do moço da casa, bem-dizer meu irmão de criação... (QUEIROZ, 1984, p.62)

Em *João Miguel*, Rachel de Queiroz está sensível aos sofrimentos que afligem mulheres de classes populares, negras e mestiças. A escritora dá-lhes voz, apresenta ao leitor seus sofrimentos. O preso, seu Zé, certo dia disse a João: “Para mim, a qualidade de gente de sorte mais desgraçada que tem no mundo é mulher...” (QUEIROZ, 1984, p.81). A fala de seu Zé não faz distinção social e nem de cor entre as mulheres, mas pela galeria feminina de *João Miguel* podemos inferir que ele fala, sobretudo, de mulheres negras, mestiças e pobres que são de sua própria esfera social. Por todos esses aspectos, podemos considerar esse romance *militante*, segundo a classificação de Benoît.

Já *Caminho de Pedras* (1937) nos apresenta a história da trabalhadora e militante do PC, Noemi, que está dividida entre João Jacques, seu marido, e Roberto, militante. Depois que finalmente opta por Roberto,

João Jacques deixa a mulher com o filho e viaja. Em meio a uma nova felicidade, Noemi perde o emprego. Seu então patrão declara que a loja “era frequentada por famílias”: “Em geral condenavam Noemi. Ainda era muito vivo, em todos, o terror do adultério” (QUEIROZ, 1985, p.92-96).

O filho de Noemi com João Jacques falece; Roberto é preso e Noemi, desempregada, sozinha e grávida, tem que reencontrar seu lugar no mundo. Primeiro, com a companheira de Partido, Angelita, dedica-se a vida dura de costureira, mas quando a amiga e a família partem da cidade, Noemi dedica-se a todo tipo de pequenos trabalhos para manter-se: “Só. Agora estava só. Procurava sempre repetir isso” (QUEIROZ, 1985, p.121). Assim, não só de Conceição a Noemi, mas passando por Guta e Dora<sup>11</sup> e chegando em Maria Moura, a sina da personagem feminina de Rachel é “vae solis”. Mulheres como Noemi, que traçam seu caminho, fazem suas escolhas, precisam enfrentar uma realidade dura demais. A solidão afetiva em troca de uma vida independente, ainda que limitada pela esfera econômica, é o alto preço pago por essas personagens. A emancipação feminina só é conquistada com esse sacrifício.

#### GÊNERO E POLÍTICA: IDENTIDADES PARTIDAS

Não se pode falar em Rachel de Queiroz sem lembrar que ela foi a primeira mulher a ser admitida pela Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1977. Esse episódio, no entanto, encarado por alguns como uma conquista feminista, nunca foi visto por Rachel como uma vitória das causas e reivindicações das mulheres. Faz-se necessário analisar o evento e as falas da escritora, bem como contextualizá-los historicamente. Brito (2007) observa que Queiroz, logo no início de sua carreira, estabeleceu uma rede social com importantes intelectuais, o que contribuiu para seu reconhecimento no campo literário e culminou em sua aceitação na ABL. E, segundo ele, o sombreamento posterior deveu-se à trajetória política e polêmica da escritora, ligada aos governos militares. Entretanto, a eleição na ABL também tem como precedente o fato de que é durante as décadas de 60 e 70 que a condição social da mulher começa a fazer-se pauta importante nos partidos e associações. Em 1975, o movimento feminista se fortalece,

<sup>11</sup> Essas personagens pertencem, respectivamente, aos romances *As Três Marias* (1939) e *Dora, Doralina* (1975). Por conta de espaço, não vamos nos deter na análise dessas obras, mas podemos dizer que Guta e Dora não fogem à regra do “vae solis” inaugurado por Rachel com a personagem Conceição. Guta é uma jovem em busca de um sentido para a vida enquanto Dora já traz marcas de uma mulher de classe elevada marcada pela tradição familiar e pela submissão feminina.



impulsionado pelo Ano Internacional da Mulher.

A pesquisadora Heloísa B. de Hollanda, abordando o pioneirismo de Rachel tanto em termos de conquista feminina quanto literária, reconhece que a marca identitária da escritora cearense sempre foi a afirmação de um tipo de poder político sobre o conjunto da sociedade. Segundo Hollanda (1997, p.110, grifos nossos), observando a trajetória e o discurso de Rachel vemos sobressair:

[...] como fio articulador de seu pensamento político, *a defesa convicta de uma lógica oligárquica de acento liberal e com compromissos sociais e progressistas em embate com a força com que se coloca, no Brasil das décadas de 30-40.*

Como lembra Rachel, nas diversas entrevistas, crônicas e memórias que compõem seus momentos autobiográficos, a proximidade do poder político sempre influenciou em suas experiências cotidianas. Em entrevista a Edla van Steen (2008, p.99-100, grifos nossos), lembrando suas passagens pela polícia no período do Estado Novo, Rachel deixou várias vezes escapar sua posição privilegiada:

A gente ia preso, ia solto, ia preso de novo, *era meio esportivo de parte a parte, principalmente quando se tratava de “moça de boa família” numa cidade pequena onde vale muito a gente ser filha do seu pai.*

Rachel afirmou que o período em que passou na prisão do Quartel do Corpo de Bombeiros foi divertido:

[...] *a família do comandante me adotou, os bombeiros me faziam serenatas [...] ainda hoje, de vez em quando, encontro senhores respeitáveis que foram jovens bombeiros, meus guardiões naquele tempo* (STEEN, 2008, p. 99-100, grifos nossos).

Maria Luíza, com quem Rachel escreve *Tantos Anos*, também fala sobre os episódios das prisões, reforçando o prestígio social da família: “A princípio, [Rachel era] presa incomunicável, mas logo, *por intervenção de amigos de papai, com permissão de nos receber*”; e acrescenta que:

[...] *ela foi presa três ou quatro vezes, e numa dessas prisões recambiada para o Ceará, com carta de prego, sob a*

*responsabilidade de nosso tio Eusébio, que morava no Rio.*  
(QUEIROZ & QUEIROZ, 1998, p.72)

Ainda assim, sempre que interpelada sobre a dureza da ditadura militar de 1964, para cuja instalação Rachel assumidamente conspirou, a escritora argumenta que nem de longe se equiparava à crueldade da ditadura Vargas que mandou Olga Benário para a morte (QUEIROZ *apud* NERY, 2002, p.104-105). Durante entrevista aos *Cadernos de Literatura Brasileira* do Instituto Moreira Salles (1997, p.29-30), os pesquisadores colocam em questão a perspectiva de Rachel sobre a violência nos dois momentos políticos, lembrando o caso do jornalista Vladimir Herzog, assassinado pela ditadura militar, em 1975, ao que a escritora respondeu: “Claro, houve esse caso do Herzog. Acho que a minha declaração [sobre Olga] foi anterior” e prossegue, “mas *mesmo assim eu acho que aquilo que Getúlio fez contra os comunistas não se repetiu no regime militar*”.

Rachel tem um posicionamento político polêmico, às vezes contraditório. Avaliando sua participação em 64, ela afirmou, em entrevista a Nery: “Eu tinha sido solidária à revolução de 1964 e ao governo de Castelo Branco. Mas depois, quando o grupo do Costa e Silva apertou as coisas e veio o AI-5, me afastei completamente”, e lembra sua participação no programa Roda Vida na TV Cultura:

[...] outro dia [...] o Caio Fernando Abreu quis me acusar de ser responsável pelos horrores da ditadura. Eu disse a ele que era uma acusação leviana e sem fundamento. Fui presa no Estado Novo e sempre repudiei toda espécie de totalitarismo.  
(QUEIROZ *apud* NERY, 2002, p.218)

Na mesma entrevista (QUEIROZ *apud* NERY, 2002, p. 37), no entanto, Rachel recorda a “ditadura tradicional dos Acióli”, no Ceará, com grande naturalidade, e cita o apelido da família Queiroz na região, “Doutores de Quixadá”:

O velho Acióli era amigo de meu pai, do meu avô e não sei mais de quem. Quando houve a reação e depuseram o Acióli e toda sua família (chegaram até a matar o filho dele), subiu o Franco Rabelo. Um líder populista.

E ainda: “Papai sempre foi contra o populismo”, o que levaria os “Queiroz, ‘os doutores de Quixadá’ [...] se aliaram ao Padre Cícero, e os seus

jagunços vieram de trem depor Franco Rabelo (QUEIROZ *apud* NERY, 2002, p. 37).

Os aspectos oligárquicos que marcam essas relações são justamente os que Rachel denunciava em seus romances regionalistas. Rachel revela-se, assim, um sujeito dividido entre a velha ordem, tradicional, e o progresso e desenvolvimento, expressos em suas conquistas como mulher e escritora:

Foi uma das primeiras mulheres a se propor, com sucesso, uma vida independente e livre. Foi uma mulher que escolheu e determinou seu destino afetivo, existencial, literário, profissional, político. (HOLLANDA *apud* BRITO, 2007, p.110)

A reação pública e a reação da própria Rachel, por ocasião de sua eleição para a ABL, em 1977, dão conta do que Stuart Hall (2006) chama de “jogo das identidades” e que ele ilustra com o caso do juiz Clarence Thomas.<sup>12</sup> A partir desse exemplo, que ilustra as consequências *políticas* da fragmentação de identidades, gostaríamos de recuperar o episódio de 1977, quando Rachel se tornou a primeira mulher eleita membro da ABL. A conjuntura política da época é bem conhecida: os militares estavam no poder desde 1964, num golpe que contou com a colaboração civil, na qual podemos incluir a da escritora. Após o golpe, Rachel esteve próxima ao governo Castelo Branco. Desde 1966, Rachel era membro do CFC e, embora a escritora alegasse não colaborar com os governos posteriores, ela mesma conta que escreveu um artigo elogioso a Costa e Silva, colaborou na elaboração do texto sobre a questão do crédito rural, Funrural, a pedido de Médici, e recebeu um bilhete de cumprimento de Geisel, que se declarava seu leitor, ao que a escritora teria respondido que aquilo “era tudo o que um escritor poderia almejar — ter o presidente entre seus leitores”.

Esse quadro criou uma situação polêmica na ocasião das eleições da ABL, pois, embora a candidatura de Rachel tenha sido impulsionada por

---

<sup>12</sup> O episódio do juiz Thomas se dá em 1991, quando é indicado para a Suprema Corte pelo presidente norte-americano Bush. O intento de Bush é, segundo Hall, fazer o “jogo das identidades”, pois a indicação de um juiz negro, de visões políticas conservadoras significava que: “os eleitores brancos (que podiam ter preconceitos em relação a um juiz negro) provavelmente apoiariam Thomas porque ele era conservador em termos da legislação de igualdades de direitos, e os eleitores negros (favoráveis às políticas liberais em questões de raça) apoiariam Thomas porque ele era negro” (HALL, 2006, p.19). O quadro torna-se ainda mais complexo quando Thomas é acusado de assédio sexual por uma mulher negra, subalterna ao juiz. De acordo com Hall, as identidades sociais ficam ainda mais divididas.

velhos amigos literatos, a opinião de muitos era que os militares estavam se aproveitando da situação. Ainda assim, Rachel declara que a sua vitória “representou a quebra de um tabu” e que por isso, se “[senti] satisfeita, porque [viveu] a vida inteira na luta contra os formalismos, as convenções, os tabus e os preconceitos” (QUEIROZ *apud* NERY, 2002).

A questão é complexa. Segundo reportagem da época, acadêmicos, como o então presidente da ABL, Austregésilo de Athayde, amigo de Rachel, não estariam satisfeitos, apenas resignados: “Somos um clube de homens há 80 anos. [...] Todas as entidades desse tipo, que permitiram a entrada de mulheres, desapareceram” (ATHAYDE *apud* VEJA, 1977, p.87). Usando o modelo de Hall, podemos dizer que o jogo de identidades tinha começado:

Com a autoridade de responsável pela proposta que eliminou a proibição da entrada de mulheres na ABL, Osvaldo Orico era mais específico e encarava o resultado como “efeito de pressões de fora, especialmente do Conselho Federal de Cultura”. *De fato, os adversários da escritora, como o feminista Orico, não estavam, em sua maioria, tentando impedir a escolha de uma mulher, mas lutando para evitar comprometimentos da Casa com órgãos ou autoridades oficiais.* Contra Rachel, por este lado, pesavam acusações como a de ter escrito recentemente, no jornal carioca *Última Hora*, um artigo defendendo a Censura e o Decreto 427 assinado pelo ministro Armando Falcão. [...] [Antonio Houaiss afirmou] “A Academia é uma instituição muito sedutora para o poder. E como não se pode tomá-la pela ocupação, os governantes aproximam-se dos acadêmicos a ele ligados”. (Veja, 1977, p.87-89, grifos nossos).

Diante dessas acusações, Rachel foi refugiar-se em sua fazenda *Não me deixes*, no Ceará, enquanto os amigos ficavam “trabalhando” por sua candidatura, como ela costumava dizer ao comentar sua eleição para a ABL. Nossa questão é indagar qual a identidade vencedora no caso de Rachel. A identidade de gênero, embora Rachel seja uma mulher expressiva na história da mulher brasileira, certamente não é a identidade que prevalece para a escritora, tendo em vista as inúmeras declarações de Rachel contra o movimento feminista (QUEIROZ *apud* STEEN, 2008, p.103):

Eu acho que a admissão na Academia foi uma vitória dos antimachistas lá de dentro. Eles é que constituíram a maioria

pró-mulher e chegaram à interpretação obsoleta do regulamento até então mantida. Eu mesma não lutei, e sempre me senti como usurpadora da vitória das amazonas que brigaram. Agora, com a Dinah na Academia, a justiça vai se estabelecendo. Que venham as outras.

Esse posicionamento foi interpretado por Clóvis Brito, a partir da relação entre campo literário e dominação masculina:

[...] com relação à Rachel, observamos que o fato de ter estabelecido uma 'rede' com importantes intelectuais, contribuiu consideravelmente para o seu reconhecimento no campo literário. (BRITO, 2007, p.115)

De fato, embora não usasse o termo "rede", Rachel sempre citava o círculo intelectual do qual fazia parte, prestando-lhe homenagem e reconhecendo-lhe a importância em suas conquistas:

Com o correr dos anos, entretanto, os meus amigos mais próximos foram entrando para a Academia [...] [Eles] consideravam uma espécie de traição terem me deixado de fora. (QUEIROZ & QUEIROZ, 1998, p.235)

Diante desse quadro podemos inferir que, embora pioneira, Rachel não rompe com a dominação masculina; é aceita pelo círculo tradicional por sua escrita seca, objetiva, com a qual os intelectuais da época se identificavam. Isso fica claro quando Graciliano Ramos lembra sua reação diante de *O Quinze*, livro de estreia de Rachel:

*O quinze* caiu de repente ali por meados de 30 e fez nos espíritos estragos maiores que o romance de José Américo, por ser livro de mulher e, o que na verdade causava assombro, de mulher nova. Seria realmente de mulher? [...] Não acreditei. Lido o volume e visto o retrato no jornal, balancei a cabeça: — Não há ninguém com esse nome. É pilhéria. Uma garota assim fazer romance! Deve ser pseudônimo de sujeito barbado. (RAMOS apud HOLLANDA, 2004, p.290, *grifos nossos*)

Notemos que Graciliano reconhece o talento de Rachel ao identificar-se com a escrita da estreada. Isso nos lembra a passagem em que

Pablo Neruda, em seu livro de memórias, *Confesso que vivi*, enaltece a obra de Gabriela Mistral. O poeta conta como a escritora sofreu com as má-línguas de Temuco sobre seu poema “Poemas del hijo”, onde descreve a gravidez, o parto e o crescimento. Isto aos olhos da sociedade da época era terrível, pois Mistral era solteira, não sendo considerado próprio que abordasse tal assunto. Insultada pela população, Mistral partiu e recusou-se a voltar à cidade que a ofendera, mesmo quando já era reconhecida por sua literatura em âmbito nacional e internacional. Segundo Neruda, “isto revela na autora de tanta grandiosa poesia que em sua alma lutaram, *como em qualquer alma de homem*, o amor e o rancor” (NERUDA, 1974, p.286-287, grifos nossos). A fala de Neruda indica que o valor de apreciação de seu trabalho está naquilo que o aproxima da alma masculina.

A poeta Laura Brandão, frequentadora dos salões literários que aconteciam na casa de Rui Barbosa, também foi reconhecida literariamente por aproximar-se da escrita masculina: “Rui, admirado, disse [sobre o poema “Fetichismo”, de Laura]: ‘poderia ter sido escrito por um homem de 35 anos’ (BERNARDES, 2009, p.260).

Anos depois, o processo que se deu com Rachel foi relativamente semelhante pois, “no início do século passado, era difícil para os agentes legitimadores do campo literário reconhecerem a importância de um livro escrito por uma mulher” logo, como “não poderiam negar as qualidades estéticas de Rachel, *a saída encontrada para ‘aceitá-la’ foi desvincular sua escrita do que tradicionalmente era definido como literatura feminina*” (BRITO, 2007, p.119, grifos nossos).

A questão da linguagem feminina, atualmente valorizada pela crítica literária, passa pelo reconhecimento da identidade e diferença. No entanto, é preciso levar em consideração que:

[...] as noções de ‘linguagem feminina’ ou mesmo de ‘identidade feminina’, enquanto construções sociais, *exigem a avaliação das condições particulares e dos contextos sociais e históricos em que foram estruturadas* (HOLLANDA, grifos nossos).

É nesse sentido que analisamos as ações de Rachel de Queiroz. É possível que a relação das redes do campo literário esboce alguma resposta à inquietação de Hollanda (1997, p.111), quando a pesquisadora indaga: “como e por que uma profissional com o prestígio e o poder de Rachel torna-se publicamente uma antifeminista confessa?”.

Assim, apesar de criar personagens femininas fortes, Rachel nunca



as associou a uma militância feminista. Como observa Hollanda, o movimento feminista é geralmente “rejeitado por intelectuais e artistas como pouco funcional e elitista” e na América Latina, “a resistência em autoidentificar-se com o próprio termo ‘feminista’ é recorrente” expressando “uma avaliação bastante negativa do feminismo” (HOLLANDA, *blog*). Em entrevista de 1995, Rachel brincou, afirmando: “há muito tempo que me considero uma doce anarquista e me reservo o direito de ser uma franca atiradora” (QUEIROZ *apud* NAME, 1995, p.5).

## CONCLUSÃO

A partir da relação gênero, literatura e política analisamos a figura *(im)pertinente* de Rachel de Queiroz. Os matizes que apontamos na obra e na vida da escritora revelam um quadro social complexo e concluímos que Rachel não rompe com a dominação masculina, mas aprende a usá-la a seu favor.

No que diz respeito às personagens de Rachel, como dissemos, identificamos em Maria Moura os limites da luta pela emancipação feminina, pois não objetiva a construção da igualdade de gênero. No entanto, a força das mulheres das classes populares que figuram em *João Miguel* e *Caminho de Pedras*, não é desprezível. Se o debate sobre a questão de gênero aparece restrita a uma classe social em *O quinze*, ele é ampliado nos dois romances subsequentes, voltando a se estreitar depois da década de 30. Esse movimento na obra parece acompanhar o movimento da própria vida da escritora: *João Miguel* e *Caminho de Pedras* são escritos na fase inicial da escritora, caracterizada por sua aproximação e afastamento do Partido Comunista e a perseguição no Estado Novo, quando essas obras foram queimadas em praça pública; *Memorial* faz parte de um outro contexto, posterior a 1964, e que, sob certos aspectos, reafirmam aspectos conservadores que já estavam anunciados em seu primeiro livro, em especial, na hierarquização das personagens femininas devido a sua classe social e cor.

Esses são alguns limites que observamos na produção literária de Rachel. Limites que, como já afirmamos, não a excluem da história das mulheres nem subtraem a importância de suas personagens femininas, mas permitem uma avaliação mais profunda de um quadro social bastante complexo. Rachel revela-se, assim, um sujeito dividido entre a velha ordem, tradicional, e o progresso e desenvolvimento, expressos em suas conquistas como mulher e escritora.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENOÎT, Denis. *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*. Tradução de Luiz Dagobert de Aguirra Roncar. Bauru: EDUSC, 2002.

BERNARDES, Maria Elena. Laura Brandão: dos salões aos comícios. In: GOMES, A. C.; SCHMIDT, B. (Org.). *Memórias e narrativas (auto)biográficas*. Rio de Janeiro/Porto Alegre: FGV/EDUFRGS, 2009.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p.183-191.

BRITO, Clóvis C.. Rachel de Queiroz, intérprete do Brasil: desafiando a dominação masculina e o cânone literário brasileiro. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, v. 17, n. 1, jan./jul., p. 109-133, 2007.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA/IMS. *Rachel de Queiroz*. n.4, set., 1997.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. *Estudos avançados*. São Paulo, v. 17, n. 49, set./dez, 2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142003000300010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142003000300010&script=sci_arttext). Acesso em 23 jun. 2011.

*Veja*. São Paulo, 10 de ago. 1977. ESPECIAL: Enfim, a mulher imortal. p. 87-90.

FRANÇA, Renato. Memorial de Maria Moura em dupla poética de olhar. In: *Encontro Regional da ABRALIC*, julho/2007, São Paulo.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HOLANDA, Sarah Pinto de. A transfiguração da donzela guerreira em *Memorial de Maria Moura*. *Rev. Humanidades*, Fortaleza, v.22, jul./dez., p.128-134, 2007.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *As melhores crônicas de Rachel*. São Paulo: Global, 2004.

\_\_\_\_\_. *Rachel de Queiroz*. São Paulo: Agir, 2009.

\_\_\_\_\_. *Blog*. Disponível em: <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/>. Acesso em 12 maio 2010.

LANGARO, Jerry A. A presença do cangaço em *Memorial de Maria Moura e Dôra, Doralina*. *Revista de Literatura, História e Memória*, Cascavel, v.2, n.2, p.59-72, 2006.

NAME, Daniela. Entrevista com Rachel. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 mar. 1995, p.5.

NERY, Hermes Rodrigues. *Presença de Rachel*. Ribeirão Preto: FUNPEC, 2002.

PACHECO, A. C. M. *Personagens em construção no Memorial de Maria Moura: estudo da gênese do Beato Romano*. 2007. Tese (Doutorado). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

PEREGRINO, Miriane da C.. *Identidade e autorrepresentação em Memorial de Maria Moura, de Raquel de Queiroz (1992)*. 2010. Monografia (Especialização). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. 49. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1992.

\_\_\_\_\_. *João Miguel*. 8. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1984.

\_\_\_\_\_. *Caminho de pedras*. 8. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1985.

\_\_\_\_\_. *Memorial de Maria Moura*. São Paulo: Siciliano, 1992.

QUEIROZ, Rachel de; QUEIROZ, Maria Luíza de. *Tantos anos*. São Paulo: Siciliano, 1998.

STEEN, Edla van. Rachel de Queiroz. In: *Viver & escrever*. Rio Grande do Sul: L&PM, 2008.

XAVIER, Elódia (Org.) *Tudo no feminino: a presença da mulher na narrativa*